



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE ECONOMIA**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**ERI SANTANA DA SILVA**

**O PERFIL DO MIGRANTE BRASILEIRO E PRINCIPAIS REGIÕES DE ORIGEM E  
DESTINO, 2015**

Rio de Janeiro  
2021

ERI SANTANA DA SILVA

**O PERFIL DO MIGRANTE BRASILEIRO E PRINCIPAIS REGIÕES DE ORIGEM E  
DESTINO, 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora Professora Dra. Ana Carolina da Cruz Lima.

Rio de Janeiro

2021

SS586p Santana, Eri da Silva  
O PERFIL DO MIGRANTE BRASILEIRO E PRINCIPAIS  
REGIÕES DE ORIGEM E DESTINO, 2015 / Eri da Silva  
Santana. -- Rio de Janeiro, 2021.  
38 f.

Orientadora: Ana Carolina Lima.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto  
de Economia, Bacharel em Ciências Econômicas, 2021.

1. Migração. 2. Perfil do Migrante. 3. Grupos de  
cor. I. Lima, Ana Carolina, orient. II. Título.

ERI SANTANA DA SILVA

O PERFIL DO MIGRANTE BRASILEIRO E PRINCIPAIS REGIÕES DE ORIGEM E  
DESTINO, 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Rio de Janeiro, 12/22/2021.

---

ANA CAROLINA DA CRUZ LIMA - Presidente  
Professora Dra. do Instituto de Economia da UFRJ

---

CARLOS PINKUSFELD MONTEIRO BASTOS  
Professor Dr. do Instituto de Economia da UFRJ

---

FERNANDA CAVALCANTE RANGEL  
Professora Dra. do Departamento de Economia e Exatas da UFRRJ

## **AGRADECIMENTOS**

Nos anos que compõem minha estadia dentro deste Instituto, muitas vidas e histórias me atravessaram, dentro e fora dele. Aqui, correndo o risco de esquecer alguns desses nomes, gostaria de agradecê-los por toda essa troca. Agradecer aos meus pais e irmãos pelo suporte não apenas financeiro, mas o emocional, a todo momento. Agradecer a alguns amigos fora do Instituto como o Wallas Novais e Gustavo Machado, que sempre me apoiaram e me deram suporte, cada um a seu modo. Também a minha orientadora pela paciência durante todo esse processo. Um agradecimento especial aos meus amigos dentro do Instituto, em especial ao meu amigo Gabriel Perussi, que dividiu tantos momentos de luta e desespero comigo. Por fim, gostaria de agradecer a Maria Bethânia, uma mulher muito especial, que me acompanhou em todos os momentos, me ensinando a força da sensibilidade.

## RESUMO

A partir dos dados da PNAD 2015 e do Censo 2010, fornecidos pelo IBGE, este estudo busca fazer uma análise qualitativa e exploratória do perfil do migrante analisando variáveis socioeconômicas (renda, condição ocupacional e analfabetismo) juntamente com variáveis individuais (sexo, cor e renda), observando e comparando os grupos contidos na variável cor diante das demais variáveis. Além disso, são destacadas as rotas migratórias, os estados com maior perda migratória e o estado com maior ganho. Entre os resultados observados, ficou evidente que o perfil predominante deste indivíduo são homens negros e com baixa escolaridade, sendo estes, com um nível de renda baixo, comparado com indivíduos brancos, sendo superior apenas ao grupo de migrantes mulheres pretas e pardas. Apesar de não ser o perfil predominante, é possível inferir que migrantes mulheres pretas e pardas são um grupo mais propensos a ser negativamente selecionado. Também é possível inferir uma manutenção das rotas migratórias tradicionais, porém com um componente de mudança, especialmente nesses locais de destino.

**Palavras-chave:** Migração; Perfil do migrante; Grupos de cor.

## **ABSTRACT**

Based on data provided by PNAD 2015 and the 2010 Census, this study seeks to make a qualitative and expository analysis of the migrant profile by analyzing socioeconomic variables (income, occupational status and illiteracy) along with individual variables (gender, color and income), observing and comparing the groups contained in the color variable before the other variables. In addition, the migratory routes, the states with the highest migratory loss and the state with the highest migratory gain. Among the results observed, it was evident that the predominant profile of this individual is black men and with low education, with a low income level, compared to other groups of color, being superior only to the group of black and brown women migrants. Despite not being the predominant profile, it is possible to infer that black and brown women migrants are a group more likely to be negatively selected. It is also possible to infer a maintenance of traditional migratory routes, but with a component of change in those places of destination.

**Keywords:** Migration; migrant profile; color group.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Renda por UF	29
Gráfico 2- Analfabetismo por UF	31
Gráfico 3 – Desemprego por UF	33



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Indicadores socioeconômicos regionais	18
Quadro 2 – Variáveis Individuais	19

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Migrantes por sexo	21
Tabela 2 – Migrantes por sexo e cor	22
Tabela 3 – Rendimento do trabalho principal	23
Tabela 4 – Anos de estudo por condição do migrante	24
Tabela 5 – Condição ocupacional	25
Tabela 6 – Condição ocupacional por sexo	25
Tabela 7 – Fluxo Migratório	27
Tabela 8 – Percentual de atração e repulsão populacional por região	28
Tabela 9 – Renda média estadual versus atratividade/repulsão	30

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 01 - REFERENCIAL TEÓRICO E EMPÍRICO	12
1.1 Os modelos <i>push-pull</i> e a Nova Economia da Migração do Trabalho	12
1.2 Migração no Brasil: tendências recentes	14
CAPÍTULO 02 - BASE DE DADOS E MÉTODO DE ABORDAGEM	18
CAPÍTULO 03 – ANÁLISE E DISCUSSÃO	21
3.1 O perfil do migrante	21
3.2 Fluxos migratórios estaduais	26
3.3 Indicadores socioeconômicos das regiões de origem e destino dos migrantes	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

## INTRODUÇÃO

Historicamente, a região Nordeste tem funcionado como uma área de abastecimento de mão de obra barata para outras regiões do país, como ocorrido durante o ciclo da borracha no Norte, ciclo do ouro em Minas Gerais e ao longo do processo de desenvolvimento industrial da região Sudeste, em especial em São Paulo e no Rio de Janeiro (OJIMA; FUSCO, 2014). Esse movimento de repulsão é resultado de um conjunto de elementos, dentre os quais destacam-se a expressiva desigualdade socioeconômica consolidada em sua estrutura latifundiária, características ambientais de sub-regiões afetadas por terras improdutivas e/ou períodos cíclicos de estiagem e a relativa prosperidade de outras regiões (*ibidem*).

Segundo Justo, em 1980, entre os dez principais estados emissores de migrantes do país, quatro localizavam-se na região Nordeste (Bahia, Pernambuco, Ceará e Paraíba). Ao analisar o percentual de migrantes enviados sobre a população total do estado de origem, os autores indicam que entre os dez estados que apresentam maior percentual, sete também se localizam nesta região. Esses dados mostram a tendência histórica de repulsão da região, apesar do crescente movimento de retorno de muitos migrantes para sua UF de origem (*ibidem*).

Stark e Bloom (1995) ressaltam que o sentimento de privação relativa é fator determinante para a decisão migratória. A migração, segundo os autores da Nova Economia da Migração do Trabalho, é uma estratégia familiar para reduzir riscos de renda e proporcionar ganhos superiores aos auferidos na região de origem. Em análise sobre o perfil do migrante brasileiro entre 1980 e 2000, Justo e Silveira Neto (2009) validam esses argumentos ao identificar seletividade em relação à idade e à cor dos migrantes, assim como em relação às condições econômicas da origem: a região Nordeste foi a principal perdedora líquida de migrantes. Em uma análise mais recente, utilizando os dados do Censo 2010, Lima, Simões e Hermeto (2016) evidenciam que a região continua a apresentar fatores de repulsão populacional em comparação às principais regiões de destino, localizadas na região centro-sul do país.

Nessa perspectiva, é interessante analisar a dimensão das disparidades observadas no decorrer do processo migratório. O objetivo da monografia é comparar o perfil do migrante por grupos de cor e região de origem, buscando validar a hipótese de que a migração tende a ser menos benéfica para pessoas negras. Assim, pretende-se traçar o perfil do migrante brasileiro, considerando o fator racial e as características das respectivas regiões de origem, e avaliar de forma comparativa alguns pontos específicos como: a localização desses migrantes associada a

indicadores de desenvolvimento, como o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, diferenciais de renda segundo níveis de escolaridade, indicadores de desemprego e emprego.

A partir desse estudo busca-se contribuir para o debate socioeconômico sobre o fenômeno da migração. Os resultados esperados são aqueles que corroboram a hipótese de que indivíduos pretos e pardos são negativamente selecionados (a migração tende a ser menos benéfica para esse grupo).

## CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO E EMPÍRICO

### 1.1 Os modelos *push-pull* e a Nova Economia da Migração do Trabalho

Lee (1966) define migração como o deslocamento permanente ou semipermanente de residência, sem questionar a distância percorrida ou se foi realizado de forma voluntária ou involuntária. Segundo o autor, vários são os fatores que levam um indivíduo a migrar, sendo alguns mais subjetivos, inerentes ao próprio indivíduo (ou grupo de referência), e outros relacionados às localidades de origem e destino da migração. É importante salientar que fatores relacionados à atração no destino e à repulsão na origem impactam de forma distinta os potenciais migrantes e, conseqüentemente, produzem respostas distintas (*ibidem*).

Segundo Lee (1966), a migração é seletiva a partir do momento em que os indivíduos lidam com fatores negativos (*push*), capazes de repelir os migrantes, e fatores positivos (*pull*), capazes de atrair os migrantes. Dada a existência desses fatores seletivos, cada indivíduo será afetado de forma distinta. O grau de seleção (positiva ou negativa) do migrante será determinado pelos fatores existentes na origem e no destino e sua interação com aspectos individuais, a velocidade em que os indivíduos se adaptam e sua etapa do ciclo de vida, que interfere diretamente nas suas preferências quanto à sua localização (*ibidem*). Entre os fatores que influenciam a decisão de migrar, o autor destaca: as características das regiões de origem e destino (fatores econômicos e sociais), os obstáculos monetário e não monetários (custos de deslocamento, manutenção e adaptação no destino, retornos salariais etc.) e os atributos pessoais. Segundo Stark e Taylor (1991), os altos custos monetários envolvidos no processo migratório podem, inclusive, inviabilizar que indivíduos migrem, sendo necessário o acesso a um mercado de crédito acessível aos mais pobres para a efetivação do deslocamento.

Ao observar o destino de um determinado grupo de migrantes, é possível estabelecer relações históricas com fluxos migratórios. Isso se deve ao fato de que as oportunidades econômicas são concentradas em áreas específicas, o que gera fluxos contínuos entre determinadas regiões. Os ciclos econômicos contribuem para essa mobilidade do capital humano: em momentos de expansão de uma determinada área, oportunidades são criadas e aumentam os incentivos para a migração para aquela região; quando esse ciclo se encerra, pode acontecer o movimento inverso. A adaptação do migrante é resultado de uma série de fatores, dentre eles, a diversidade das regiões. Localidades mais diversas tendem, inclusive, a tolerar não nativos. Segundo Lee (1966), os migrantes que respondem principalmente aos fatores

positivos tendem a ser positivamente selecionados e aqueles que respondem principalmente aos fatores negativos tendem a ser negativamente selecionados.

Um dos principais fatores de atração para os migrantes é a possibilidade de auferir rendas superiores na região de destino, ou seja, o deslocamento é interpretado como uma possibilidade de gerar aumentos na sua renda em comparação ao grupo em que está inserido. Stark e Bloom (1985), teóricos da Nova Economia das Migrações do Trabalho, ressaltam que pessoas mais carentes são as mais propensas a migrar em busca de melhores condições financeiras, a fim de que os riscos de renda sejam compensados com a possibilidade de auferir no destino rendimentos maiores do que na região de origem.

Essa busca por maiores rendimentos está diretamente associada ao sentimento de privação relativa por parte de membros de um mesmo grupo, geralmente uma unidade familiar, estimulando a migração de um de seus componentes. Assim, a migração é uma resposta da unidade familiar diretamente ligada ao risco sobre seus rendimentos, tendo em vista que as remessas enviadas pelo migrante asseguram ou complementam os rendimentos da família que ficou na região de origem (STARK e BLOOM, 1985).

Para os teóricos da Nova Economia das Migrações do Trabalho (NELM), a decisão de migrar é tomada de forma coletiva entre os membros do grupo, dessa forma, os riscos envolvidos na decisão de migrar são compartilhados entre os membros da família. Segundo a NELM, essas famílias priorizam locais nos quais o retorno da migração é suficiente para alterar a posição relativa do domicílio em comparação ao grupo de referência. Assim, a sensação de privação relativa é um propulsor para o desejo de migrar dos indivíduos, visto que a unidade familiar decide diversificar suas fontes de renda por meio da migração (STARK e TAYLOR, 1991).

Uma vez que uma das principais razões que levam um indivíduo a migrar é a possibilidade de aumento de renda, é razoável inferir que os destinos serão justamente guiados pelo grau de desenvolvimento das regiões. Segundo Stark e Bloom (1985), a propensão de migrar está diretamente associada ao nível de informação que o indivíduo possui sobre a região de destino. Sendo o indivíduo pertencente a um grupo mais escolarizado, sua propensão a migrar aumenta quando há simetria de informação; se o indivíduo é menos escolarizado, sua propensão aumenta quando não há simetria de informação, o que confere ao último grupo maior exposição ao risco (incerteza de renda). Esse argumento é corroborado por Lee (1966). O autor evidencia que há maior resistência à efetivação do deslocamento quando o local de origem é desconhecido pelos potenciais migrantes. Em contrapartida, há maior propensão para a

migração quando rotas são conhecidas e redes de contato são estabelecidas, mitigando possíveis riscos.

## 1.2 Migração no Brasil: tendências recentes

Segundo Baeninger (2012), a partir da década de 1980 observa-se a intensificação de um padrão de desconcentração regional no Brasil, apesar da disparidade socioeconômica persistir, especialmente entre as regiões Centro-Sul e Norte-Nordeste. Lima, Simões e Hermeto (2016) ressaltam que o grau de desenvolvimento das regiões de origem e destino tende a impulsionar o ato de migrar de forma mais intensa que os aspectos individuais, já que estas características são consideradas somente após uma análise do contexto das duas localidades.

A evolução histórica das trajetórias migratórias brasileiras é salientada por Brito (2016). O autor resalta que nas décadas de 1940 e 1950, houve uma intensificação da migração em direção à região centro-sul do país, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro. Esse padrão corrobora a tese dos modelos *push pull*, segundo a qual os fatores de atração e repulsão das regiões de destino e origem, respectivamente, influenciam a decisão de migrar. O aumento do número de migrantes nesse período estava diretamente associado a um desenvolvimento mais expressivo da área industrial na região centro-sul do país. Além disso, dois fatores contribuíram para esses deslocamentos: o desenvolvimento dos sistemas de transporte e uma grande seca ocorrida em meados dos anos 1950 na região Nordeste. Nessa fase, os estados da região Nordeste e Minas Gerais constituíam os dois principais reservatórios de mão de obra para as demais regiões brasileiras (*ibidem*).

A mesma tendência permanece na década de 1960, pois a região centro-sul continuou a apresentar maior dinamismo em termos industriais e de geração de emprego:

Em 1960 e 1970, somente em São Paulo, se concentravam 54,4 e 56,4% do PIB industrial brasileiro. Acrescentando o Rio de Janeiro, nos dois estados eram gerados 60,2% do PIB do Comércio e dos Serviços, no primeiro período considerado, e 56,0%, no segundo (CANO, 1998). Consequentemente, a geração do emprego industrial também estava fortemente concentrada em São Paulo, quase 40,0% entre 1960/70 e 37,0% entre 1970/80 do total gerado no Brasil (BRITO, 1997, P.13).

Dessa forma, as rotas migratórias se mantiveram semelhantes àquelas das décadas anteriores: o Nordeste e Minas Gerais continuaram sendo os dois principais fornecedores de



mão de obra para as demais regiões. Assim, Brito (2016) afirma que na década de 1960 estavam consolidadas as principais trajetórias migratórias que articulavam as principais regiões de destino e origem. Uma outra rota importante no circuito migratório nacional, que se mostrou capaz de absorver imigrantes, refere-se às áreas da fronteira agrícola constituídas basicamente pelo Paraná e pelo Centro Oeste. O investimento em políticas de desenvolvimento regional atraiu, nesse período, um grande contingente migratório para essas regiões, proveniente do extremo sul do Brasil e de São Paulo (*ibidem*).

Em meados da década de 1970, há algumas mudanças nas rotas migratórias tradicionais. O Rio de Janeiro perde espaço entre os destinos tradicionais, devido principalmente à mudança da sede do governo federal para Brasília, acompanhado por um aumento expressivo da migração para São Paulo (BRITO, 2016). O Nordeste passa por uma tímida redução da sua emigração, ainda sendo responsável por um terço do total dos emigrantes no país. Diferentemente do Nordeste, Minas Gerais, até o momento um importante reservatório de mão de obra que se destinavam aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, apresenta uma redução de 40% do número de emigrantes graças a um processo de modernização agrícola. Minas Gerais passa a atrair, inclusive, emigrantes de São Paulo. A intensificação do processo de mecanização agrícola, a expansão de sua fronteira de produção e a substituição do café e do algodão pela soja e pela pecuária estimularam um êxodo migratório em direção aos estados da região Norte (*ibidem*).

A década de 1980 marca a intensificação da migração, mais especificamente da migração de retorno, tanto para Minas Gerais, quanto para os estados da região Nordeste (LIMA; SIMÕES; HERMETO, 2016). Em contrapartida, outras rotas secundárias (principalmente vinculadas às cidades médias) iam sendo estabelecidas, oferecendo a possibilidade de renda e emprego sem os elevados custos de congestionamento urbano das grandes cidades. A modernização agrícola em Minas Gerais e a relativa desconcentração espacial da atividade industrial para o entorno de seus dois principais polos (Regiões Metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro) contribuíram diretamente para este novo cenário migratório (MARTINE, 1989). Houve um aumento da imigração para a região Nordeste neste período em volume superior ao de Minas Gerais (BRITO, 2016). Aproximadamente, 50% desses imigrantes eram provenientes do Rio de Janeiro e São Paulo. Brito (2016) ressalta que São Paulo passou a ter a maior taxa de emigração (aumento de 50%) paralelamente a uma maior taxa de imigração. Simultaneamente, o Rio de Janeiro teve uma perda líquida de população,

sendo que parte significativa dos migrantes se destinaram para o Nordeste e para São Paulo (*ibidem*).

A década de 1990 é marcada pelo recrudescimento das tendências iniciadas no período imediatamente anterior. A região Nordeste continuava a apresentar uma queda no número de emigrantes e aumento no número de imigrantes, alimentada pela migração de retorno, uma vez que as regiões dinâmicas já não conseguiam incorporar esses trabalhadores (BRITO, 2016).

Figueredo e Zanelatto (2017) apontam para a reversibilidade do fluxo migratório a partir dos anos 2000. A desconcentração regional, o aumento da oferta de trabalho e a melhora dos rendimentos médios da população contribuíram para reduzir os incentivos às migrações internas (*ibidem*). Em uma análise do padrão migratório brasileiro com base nos microdados dos Censos Demográficos 1980, 1991 e 2000, Justo e Silveira Neto (2009) identificaram uma tendência de perda líquida de migrantes na região Nordeste e um ganho líquido de migrantes na região Sudeste. Porém, simultaneamente, observaram uma perda do volume migratório para a região Sudeste ao longo dos últimos anos. Essa tendência também foi identificada por Lima, Simões e Hermeto (2016). Os autores ampliam a análise para o período 1980-2010, também com base nos microdados dos censos demográficos, e demonstraram que o dinamismo mais expressivo na região Sudeste em comparação à região Nordeste foi fundamental para manter a importância relativa das trajetórias migratórias dominantes no Brasil (de regiões pobres para regiões ricas), apesar do recrudescimento de trajetórias secundárias direcionadas a cidades médias e da migração de retorno. Justo e Silveira Neto (2009) classificam essa tendência como um padrão nordestino de déficit crônico no fluxo de migrantes, relacionado ao histórico de perda líquida de população no período, a despeito de tímida reversão desse padrão verificada principalmente após 1995.

Outro ponto importante ressaltado pelos autores são as características da população migrante, entre elas, cor e escolaridade. Em relação à escolaridade, é possível observar uma maior propensão a migrar para o Sudeste por parte dos menos escolarizados e uma maior propensão a migrar para todas as regiões por parte daqueles mais escolarizados. Em relação à cor, ser branco aumenta a probabilidade de migração para todas as regiões brasileiras (JUSTO; SILVEIRA NETO, 2009; LIMA, SIMÕES; HERMETO, 2016). Sobre o perfil do migrante entre os anos 1980 e 2000, Justo e Silveira Neto (2009) identificam o perfil do migrante com maior probabilidade de migrar: homens brancos, jovens e mais escolarizados. Apesar das mudanças em relação às disparidades regionais e entre os grupos que compõem a população brasileira, Lima, Simões e Hermeto (2016) demonstram que esse padrão ainda persiste, apesar

da diminuição das diferenças observadas em relação à cor, nível de escolaridade e idade. Segundo os autores, muitas dessas mudanças estão relacionadas à diminuição da segmentação por grupos de cor no mercado de trabalho e migratórios deslocamentos realizados por pessoas menos escolarizadas como consequência de um processo migratório incentivado por fatores negativos na origem.

Em resumo, os resultados do modelo de determinação da condição de migração individual, que incorpora apenas características sociodemográficas pessoais, indicam que os homens, brancos, jovens, com situação conjugal estável e com elevados níveis de escolaridade possuem maior probabilidade de migrar no Brasil no período entre 1980 e 2010 (LIMA, SIMÕES E HERMETO, 2016, p. 72).

Ou seja, uma vez identificadas essas tendências acerca do movimento migratório brasileiro, é interessante analisar alguns pontos mais específicos a respeito do perfil desses indivíduos. Diante das transformações ocorridas nas últimas décadas no Brasil, com políticas de transferência de renda, aumento do número de pessoas provenientes da classe C em universidades públicas, advento das cotas raciais e sociais, entre outras ações ocorridas, cabe analisar as características dos migrantes relacionadas à idade, ao sexo e à raça, entendendo, inclusive, como essas variáveis se comportam no cenário atual.

## CAPÍTULO 2 – BASE DE DADOS E MÉTODO DE ABORDAGEM

Serão analisados os dados do Censo Demográfico 2010 e da PNAD 2015, fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para realizar um estudo sobre as principais rotas migratórias do migrante brasileiro, ressaltando fatores na origem e no destino como a taxa de desemprego, nível de analfabetismo e renda. Fatores que corroboram a tese de Lee (1966) quanto à existência de fatores de atração e repulsão que influenciam o processo de decisão migratória. Através da análise desses dados, será possível visualizar a manutenção do padrão das rotas migratórias em comparação com períodos anteriores. Os gráficos e tabelas foram produzidos com base nos dados dos censos de 2010 e 2000 com fins comparativos entre os dados de brancos e pretos.

Para observar a dinâmica migratória serão analisados indicadores socioeconômicos com objetivo demonstrar aspectos distintos do desenvolvimento das regiões. A ideia subjacente é demonstrar as prováveis condições em que estão inseridos os migrantes nos locais de origem e destino. Pretende-se realizar uma análise qualitativa e exploratória para comparar estes indicadores. Os indicadores individuais usados têm como objetivo caracterizar o perfil do migrante de forma geral, buscando entender: qual o perfil predominante, como esse perfil predominante dialoga com as variáveis econômicas postas neste estudo (renda, escolaridade e taxa de ocupação) e qual o perfil que melhor apresenta características para ser selecionado positivamente.

**Quadro 1 | Indicadores socioeconômicos regionais**

NOME DO INDICADOR	DESCRIÇÃO
Imigrantes	Proporção de pessoas que se deslocaram de uma unidade federativa para outra nos últimos 10 anos.
Taxa de Desemprego	Proporção da população de 16 anos e mais, economicamente ativa, desocupada.
Taxa de Analfabetismo	Proporção de pessoas analfabetas de 15 anos ou mais em relação ao total de pessoas do mesmo grupo etário.
Renda	Renda média por pessoa ( <i>per capita</i> )
Rotas migratórias	Principais estados de origem e destino dos migrantes.

Saldo Migratório	Diferença entre a imigração e a emigração
------------------	---

Fonte: Elaboração própria a partir do Censo Demográfico 2010 e PNAD 2015, IBGE.

As variáveis individuais, a seguir descritas, também são importantes a fim de estabelecer o perfil do migrante, um dos principais objetivos deste estudo. As variáveis descritas dizem respeito ao sexo dos migrantes, sua condição de ocupação (inativo, ocupado e desocupado), nível de escolaridade (com um recorte por anos de estudo) e por cor (dividido entre brancos e negros e pardos).

### Quadro 2 | Variáveis individuais

NOME DO INDICADOR	DESCRIÇÃO
Sexo	Proporção de indivíduos separados pelo sexo, masculino ou feminino.
Condição de ocupação: Inativo	Proporção das pessoas não classificadas como ocupadas ou desocupadas, ou seja, pessoas incapacitadas para o trabalho ou que desistiram de buscar trabalho ou não querem mesmo trabalhar.
Condição de ocupação: Ocupado	Proporção de pessoas exercendo atividade profissional (formal ou informal, remunerada ou não) durante pelo menos 1 hora completa na semana de referência da pesquisa.
Condição de ocupação: Desocupado	Proporção de pessoas classificadas como desocupadas na semana de referência as pessoas sem trabalho em ocupação nessa semana que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias, e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência
Escolaridade	Compreende as informações sobre educação, mais especificamente a quantidade de anos estudados. Os grupos utilizados foram de 0 a 3, 4 a 7, 8 a 10, 11 a 14, 15 ou mais anos de estudo
Cor	O IBGE pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na declaração. Ou seja, as pessoas são perguntadas sobre sua cor e podem se declarar como brancas, pretas e pardas.
Renda por grupo de indivíduos	Renda média dos indivíduos, caracterizada pelos grupos: migrantes homens brancos, migrantes mulheres brancas, migrantes

	homens negros e pardos e migrantes homens negros e pardos
--	---

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

A análise do perfil do migrante será realizada através dos dados fornecidos pela PNAD 2015, onde será feita uma análise qualitativa e exploratória através de variáveis individuais como sexo, cor, escolaridade e taxa de ocupação. Posteriormente, o perfil do migrante será relacionado a variáveis socioeconômicas, como taxa de desemprego, nível de renda e taxa de analfabetismo dos estados. Além de uma análise do perfil do migrante a análise qualitativa buscará demonstrar, através dos dados fornecidos pela PNAD 2015, como a questão da cor dialoga com os dados estaduais, o que pode sugerir uma seleção positiva ou uma seleção negativa.

## CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir desse estudo busca-se contribuir para o debate social, trazendo como elemento o fenômeno da migração e das relações sócio raciais, ressaltando como essa questão pode ser determinante para que o movimento de migrar seja bem-sucedido. Os resultados esperados serão no sentido de elucidar os fatores que levam indivíduos negros a migrarem, se estes são de atração ou repulsão na origem, uma vez estabelecida a condição de migrante se estes são positivamente ou negativamente selecionados e sendo estes negativamente selecionados, será possível inferir que este movimento migratório não ocasionou uma alteração do seu status econômico.

### 3.1 O perfil do migrante

O ato de migrar é comum na história brasileira e refletido nas mais diversas expressões Artísticas, como a música, literatura e filmes. Acompanhando o dinamismo da economia, muitas pessoas passaram a fazer deslocamentos em busca de oportunidades e em busca de auferir um nível superior de renda ou qualidade de vida (SILVA, 2021). A questão da desigualdade de renda entre regiões e pessoas, acaba por incentivar um perfil específico de indivíduo a migrar.

Um dos principais critérios analisados é a questão do sexo (gênero). Em sua análise do perfil do migrante, compreendida entre os períodos de 1977-1980, 1988-1991 e 1997-2000, Justo e Silveira Neto (2009) demonstram que homens possuem maior probabilidade de migrar. Em um estudo mais recente, que compreende o período de 1980 a 2010, Lima, Simões e Hermeto (2016) reafirmam esse dado e mostram que homens possuem maior probabilidade de migrar. A tabela abaixo, construída a partir dos microdados da PNAD 2015, corrobora as análises, em relação ao perfil do migrante brasileiro, tanto de Lima, Simões e Hermeto (2016) quanto de Justo e Silveira Neto (2009), quanto ao sexo com maior probabilidade de migrar, uma vez que migrantes do sexo masculino representam mais da metade dos migrantes.

**Tabela 01 – MIGRANTES POR SEXO (%)**

	Mulheres	Homens	Amostra
2015	48,0%	52,0%	100%

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

Em análise sobre o sexo dos migrantes, Lima, Simões e Hermeto (2016) afirmam que a probabilidade de migrados homens tende a ser 10% superior àquela observada para as mulheres entre 1980 e 2010. A Tabela 01, que mostra a composição percentual da população migrante, mostra que a proporção de homens migrantes para o ano de 2015 é ligeiramente superior (4 p.p.). Apesar de serem análises distintas, onde o trabalho desenvolvido por Lima, Simões e Hermeto (2016), apresenta uma probabilidade relacionada à tomada de riscos e a Tabela 01 aponta uma proporção amostral e em anos distintos, ambos trabalhos apontam para uma predominância do sexo masculino na composição dos migrantes.

A Tabela 02 descreve o percentual dos migrantes pelos critérios de cor e sexo e mostra que migrantes homens negros e pardos representam a maior quantidade de migrantes (31%), seguidos por mulheres pretas e pardas (28%) e por homens e brancos e mulheres brancas, 21% e 20% respectivamente. É possível auferir que são os negros e pardos (independente de sexo), os responsáveis por grande parte da migração brasileira. Uma vez que migrantes pretos e pardos (independente do sexo) possuem uma quantidade de anos de estudo inferior ao de migrantes brancos (independente do sexo), a dificuldade de inserção produtiva nas regiões de origem podem estimular a migração em busca de novas oportunidades, o que corrobora a análise de Justo (2006) para o período de 1980 a 2000.

**Tabela 02 - Migrantes por sexo e cor (%)**

	<b>Homens pretos e pardos</b>	<b>Homens brancos</b>	<b>Mulheres pretas e pardas</b>	<b>Mulheres brancas</b>	<b>Total</b>
2015	31,0%	21,0%	28,0%	20,0%	1

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

A questão da renda é um dos principais pontos a serem considerados quando se fala em deslocamentos migratórios no Brasil, dada toda formação econômica brasileira e o nível de pobreza e desigualdade, seguindo o que defende STARK e TAYLOR (1991) - um dos principais fatores que influenciam a decisão de migrar é justamente a busca por auferir ganhos superiores de renda. Dessa forma, faz-se necessário analisar um pouco mais esse aspecto. A Tabela 3 apresenta o rendimento médio do trabalho principal por grupos específicos:



**Tabela 03 - Rendimento do trabalho principal | 2015**

	<b>Não migrantes</b>	<b>Migrantes - Homens brancos</b>	<b>Migrantes - Homens pretos e pardos</b>	<b>Migrantes - Mulheres brancas</b>	<b>Migrantes Mulheres pretas e pardas</b>
2015	1.845,6	3.674,5	2.000,3	2.522,6	1.422,2

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

É possível notar que os migrantes pretos e pardos, tanto homens, quanto mulheres, recebem menos que seus respectivos pares que se autodeclaram como brancos. Dessa forma, é plausível a preposição de Stark e Bloom (1995), que coloca as pessoas mais carentes como as mais propícias a migrar. A Tabela 03 também apresenta outras importantes informações, como a comparação entre o rendimento dos não migrantes em comparação ao rendimento dos grupos de migrantes, segundo a qual o não migrante possui renda superior apenas em relação ao grupo de migrantes mulheres pretas e pardas. Há também uma diferença considerável entre as rendas do grupo de migrantes homens brancos e migrantes mulheres pretas e pardas: o primeiro grupo possui o dobro da renda do segundo. Segundo o DIESEE (2015), em 2015, o salário mínimo necessário para manter uma família com 04 (quatro) membros é de R\$ 3240,27 e o salário era apenas de R\$ 788,00 o que significa 4,11 vezes menor que o ideal. Dada a diferença entre o salário ideal e o salário real, é provável que grande parte dos deslocamentos, principalmente aqueles realizados por pretos e pardos, independente do gênero, tem a renda como uma das principais causas.

Um fator importante para medir o acesso de uma população, ou de um grupo específico, à educação, é o tempo de anos de estudo desta. Quanto mais anos de estudos, maior é a possibilidade de desenvolvimento de um grupo, sociedade ou região. A tabela a seguir traz o número de anos estudos considerando a condição não migrante e a condição migrante por um recorte de cor e sexo.

**Tabela 04 - ANOS DE ESTUDO POR CONDIÇÃO DO MIGRANTE | 2015**

Condição	Anos de estudo					
	0 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	15 ou +	total
Não migrantes	13,00%	20,30%	20,10%	35,20%	11,40%	<b>1</b>
	0 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	15 ou +	total
Migrantes – Homens brancos	6,70%	16,10%	17,40%	37,10%	22,70%	<b>1</b>
	0 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	15 ou +	total
Migrantes – Homens pretos e pardos	13,50%	23,20%	23,50%	32,70%	7,20%	<b>1</b>
	0 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	15 ou +	total
Migrantes - Mulheres brancas	4,90%	11,10%	15,30%	42,60%	26,10%	<b>1</b>
	0 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	15 ou +	total
Migrantes - Mulheres pretas e pardas	8,90%	19,90%	22,10%	39,20%	9,90%	<b>1</b>
	0 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	15 ou +	total

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

É possível observar que migrantes brancos, independente do sexo, possuem um percentual de anos de estudo superior aos migrantes negros, independente do sexo, sendo migrantes homens pretos e pardos a categoria com menos anos de estudos e migrantes mulheres brancas o grupo que possui maior quantidade de anos de estudo. Além disso, em relação ao sexo, mulheres, independentemente da cor, possuem maior quantidade de anos de estudo que migrantes homens, independente da cor. Relacionando os dados da Tabela 04 e os dados da Tabela 03, ou seja, os dados relacionados à renda com os dados relacionados a escolaridade, é possível ver que existe uma grande probabilidade de que grande parte dos migrantes possuem baixa escolaridade, pois grande parte destes, são negros e pardos. Segundo Lima Ribeiro e Luís Dick (2016), há fortes indícios de uma correlação entre renda e escolaridade, onde quanto maior a quantidade de estudos, maior é a renda daquele indivíduo.

A oferta de trabalho em uma localidade pode funcionar como fator de atração ou de repulsão, ou seja, em locais com pouca oferta de trabalho, há uma repulsão e em locais com muita oferta de trabalho, há uma atração. A decisão de migrar, por vezes, é uma decisão coletiva da unidade familiar, como um investimento a fim de alcançar níveis superiores de renda. Uma maior oferta de trabalho está associada a ciclos econômicos dentro de uma economia, inclusive no Brasil, impactando o nível de atração daquela região. A Tabela 05 demonstra uma situação ocupacional um pouco mais favorável para os migrantes que para os não migrantes, o que sugere que uma parcela dos migrantes pode ser mais competitiva e positivamente selecionada em comparação aos não migrantes.

**Tabela 05 - CONDIÇÃO OCUPACIONAL | 2015**

Condição ocupacional - Não migrantes (%)	Inativo	Ocupado	Desocupado
		25,8%	69,4%
Condição ocupacional - Migrantes (%)	Inativo	Ocupado	Desocupado
		21,5%	72,9%

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

Quando observado a condição ocupacional, em relação ao sexo (Tabela 06), é possível ver uma disparidade onde homens ocupados representam 85,6% enquanto mulheres representam 59,1%; quanto aos desocupados, homens representam 3,6% e mulheres 8%. Os dados explicitados dialogam com outras informações já trazidas que mostram uma possível seleção negativa quanto ao sexo feminino, quando analisados indicadores como a renda, escolaridade e condição ocupacional e quando mostrado que pessoas negras são as que mais contribuem para o fluxo migratório, ao mesmo tempo que são aquelas com menor nível de escolaridade, corrobora o argumento utilizado por Baeninger (2012): os indivíduos menos qualificados são os principais responsáveis pelo fluxo migratório e suas trajetórias possuem similaridades aos fluxos de capital.

**Tabela 06 - CONDIÇÃO OCUPACIONAL POR SEXO | 2015**

	Homens - Inativos	Homens - Ocupados	Homens - Desocupados	Mulheres - Inativas	Mulheres - Ocupadas	Mulheres - Desocupadas
2015	10,8%	85,6%	3,6%	33,0%	59,1%	8,0%

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

Novamente reafirmando a tese de que mulheres (inclusive as migrantes) são negativamente selecionadas, a Tabela 10 mostra a diferença da taxa de ocupação entre homens e mulheres (incluindo ocupação formal e informal). Confrontando com os dados de escolaridade, migrantes mulheres (independentemente da cor) possuem maior quantidade de anos de estudo em comparação aos seus respectivos pares dentro do quesito cor. Esta informação parece contraditória, uma vez que se pressupõe uma relação positiva entre nível de empregabilidade e escolaridade. Justo (2006) aponta para uma crescente participação das mulheres no processo migratório, especialmente de mulheres solteiras e chefes de família. Esse aumento do protagonismo feminino no processo migratório pode ser uma das causas de uma menor taxa de ocupação aliado a problemas culturais (aumentou a quantidade de mulheres pertencentes à população economicamente ativa).

### 3.2 Fluxos migratórios estaduais

O Brasil tem um histórico de migração desde sua origem, tanto interna quanto externa. Lima, Simões e Hermeto (2016) apontam a questão da desconcentração regional no país, com o governo abandonando políticas regionais de desenvolvimento em prol de políticas focadas em grandes eixos. Um exemplo de política que visava a diminuição da desigualdade regional, com destaque para o nordeste, foi a criação da SUDENE (Superintendência do desenvolvimento do Nordeste) em 1959, e posteriormente sua deterioração nas décadas seguintes. A Sudene não conseguiu gerar a quantidade de empregos suficiente para resolver as questões estruturais da região, relacionadas à miséria, por exemplo, e, assim, o fluxo migratório não foi interrompido ou diminuído. Na década de 1980, a crise da dívida fez com que houvesse uma redução do papel do estado, impactando diretamente no fomento de políticas regionais. Justo (2006) ressalta o impacto do abandono de políticas regionais para os fluxos migratórios, principalmente em estados do Nordeste, que continuaram a apresentar saldos migratórios negativos no período. Na década de 1990, houve um processo de abertura comercial, o que estimulou o processo de desconcentração favorecendo atividades produtivas localizadas no centro-sul (LIMA; SIMÕES; HERMETO, 2016).

Apesar das rotas se manterem quase inertes, mudanças importantes foram observadas, como o crescimento da importância das cidades médias devido principalmente a alta concorrência pelos postos de trabalho nas grandes cidades e estas por sua vez, oferecem possibilidades de renda e emprego sem todo o caos das metrópoles. Outra mudança importante também observada por Lima, Simões e Hermeto (2016), foi um movimento de retorno por parte dos migrantes para áreas que tradicionalmente não retinha migrantes. A Tabela 07 apresenta as trajetórias migratórias estaduais, que, a despeito das mudanças secundárias (relacionadas principalmente à migração de retorno e à emergência de novas áreas de absorção populacional polarizadas por cidades médias, mantiveram suas principais características, visto que os fluxos migratórios mais relevantes ocorrem de estados de mais baixa renda em direção a estados que possuem renda elevada.

Tabela 07 - FLUXO MIGRATÓRIO | 2015

UF	Ano x Lugar de nascimento																										TOTAL	
	2015																											
	RO	AC	AM	RR	PA	AP	TO	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	MG	ES	RJ	SP	PR	SC	RS	MS	MT	GO	DF	
Rondônia	-	33	34	1	12	-	0	18	4	28	1	9	17	4	5	42	106	82	7	50	175	12	10	26	54	16	1	747
Acre	12	-	31	0	1	-	0	1	1	8	1	0	0	1	1	1	7	3	1	5	7	1	1	2	5	3	0	93
Amazonas	18	63	-	9	212	5	2	34	7	47	5	4	8	1	1	4	9	2	9	14	7	1	3	3	4	6	3	481
Roraima	3	1	26	-	33	0	3	97	6	14	1	4	4	1	-	2	3	0	2	3	4	1	2	1	4	7	1	223
Pará	3	2	40	2	-	16	88	564	76	130	7	19	24	6	4	76	53	14	8	20	19	1	6	3	10	61	3	1255
Amapá	1	0	2	1	160	-	1	28	2	5	1	2	0	-	-	1	1	-	-	1	1	1	1	-	-	2	-	211
Tocantins	1	1	0	-	43	0	-	130	41	22	1	5	12	3	1	21	26	1	2	16	10	3	6	3	4	97	12	461
Maranhão	2	1	4	-	77	1	22	-	181	91	5	15	17	4	6	14	9	4	8	20	3	2	5	3	2	17	11	524
Piauí	1	1	1	2	9	-	3	127	-	61	3	1	14	1	-	11	1	-	5	38	2	-	1	-	2	3	10	297
Ceará	3	3	10	-	20	1	3	32	35	-	30	39	37	8	4	12	5	-	33	70	4	2	4	6	3	7	7	378
Rio Grande d	-	-	2	1	3	2	1	6	2	64	-	114	42	11	2	8	4	3	23	49	1	2	1	1	3	4	4	352
Paraíba	-	-	1	-	3	-	1	3	1	31	47	-	138	7	1	18	9	-	46	50	5	2	1	2	1	-	4	371
Pernambuco	-	-	1	-	6	1	2	5	30	62	21	149	-	97	6	52	6	1	30	115	8	1	5	1	3	3	9	614
Alagoas	1	-	-	-	1	-	1	1	1	6	4	9	111	-	40	16	3	-	10	42	3	-	1	-	1	1	-	252
Sergipe	-	-	0	-	0	-	-	1	1	4	1	3	18	69	-	85	4	1	12	33	5	1	1	0	0	-	0	239
Bahia	3	-	6	1	6	0	1	7	34	49	12	36	176	66	120	-	114	34	46	262	13	2	5	3	1	8	19	1024
Minas Gerais	3	2	6	-	23	3	13	57	19	60	29	25	54	49	13	211	-	103	169	520	100	5	24	9	11	125	41	1674
Espírito Sant	4	-	1	-	10	-	-	2	2	11	2	2	8	8	7	175	311	-	113	34	13	4	4	1	3	2	4	721
Rio de Janeir	1	4	13	-	36	1	4	92	38	219	69	330	177	59	45	212	570	171	-	157	37	16	32	8	7	9	19	2326
São Paulo	20	12	14	6	60	2	13	214	345	616	174	450	1088	406	227	2112	2094	74	266	-	1198	60	87	105	72	83	33	9831
Paraná	18	1	1	2	8	-	1	8	3	26	9	14	43	31	9	80	177	24	34	628	-	318	259	59	28	6	9	1796
Santa Catarin	3	1	2	3	7	-	-	7	1	11	8	2	9	4	4	27	27	3	28	113	462	-	450	15	9	9	1	1206
Rio Grande d	2	-	2	-	5	-	0	5	1	6	3	1	6	0	1	8	10	2	18	49	82	169	-	3	7	3	4	387
Mato Grosso	8	1	1	-	6	-	0	7	8	23	2	7	30	27	9	27	39	3	22	277	139	13	36	-	36	14	0	735
Mato Grosso	47	5	4	-	38	1	11	74	19	30	5	11	23	39	4	49	100	15	8	123	275	54	97	100	-	106	7	1245
Goiás	5	2	3	-	76	2	165	224	113	79	37	42	51	30	5	249	334	8	14	106	34	8	22	12	51	-	218	1890
Distrito Fede	3	2	5	1	20	3	26	129	149	106	24	65	45	6	7	154	216	10	70	54	13	6	18	7	10	176	-	1325
TOTAL	162	135	210	29	875	38	361	1873	1120	1809	502	1358	2152	938	522	3667	4238	558	984	2849	2620	684	1082	373	331	768	420	

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

A Tabela acima fornece o fluxo migratório brasileiro no ano de 2015. É possível ver a manutenção de alguns padrões migratórios já consolidados, porém é possível ver o impacto das rotas alternativas nos números de São Paulo que segue sendo com um dos principais receptores, porém também é um dos principais estados que expulsa migrantes. Em relação aos estados que mais atraíram migrantes, São Paulo continua sendo o principal, seguido pelo Rio de Janeiro e Goiás, respectivamente. Em relação aos estados que mais expulsaram, Minas Gerais aparece como principal, seguido por Bahia e São Paulo, respectivamente. Portanto, com exceção de Goiás que aparece pela primeira vez com destaque, as rotas mais tradicionais se mantiveram, como Bahia e Minas Gerais sendo os principais repulsores de migrantes, São Paulo e Rio de Janeiro os principais receptores. Apesar da manutenção das rotas tradicionais, Lima, Simões e Hermeto (2016) apontam mudanças importantes em relação a migração. Além das rotas secundárias que foram se estabelecendo, com destaque para as cidades médias, um movimento de retorno migratório também foi observado e uma diminuição do volume migratório para as áreas tradicionalmente atraentes para os migrantes. Para simplificar as informações contidas na tabela, a tabela a seguir mostra o percentual que cada região atraiu e repulsou dos migrantes em geral.

**Tabela 08- Percentual de atração e repulsão populacional por região | 2015\***

REGIÃO	ATRAÇÃO %	REPULSÃO %
NORTE	11%	6%
NORDESTE	13%	45%
CENTRO- OESTE	17%	6%
SUL	11%	14%
SUDESTE	47%	28%

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD/IBGE.

(\*) Somatório dos estados que compõem cada região, dividido pela quantidade total de migrantes

A Tabela 08 demonstra resultados de atração e repulsão por região e parece confirmar que a tentativa de gerar uma atração ou diminuir o saldo migratório negativo, não foi bem-sucedida. Nordeste e sudeste apresentam a maior taxa de repulsão e a maior taxa de atração, respectivamente, mostrando que se mantém aquela tendência, já observada por Lima, Simões e Hermeto (2016), de o Nordeste ser a região que fornece mão de obra para outras regiões, em especial o eixo centro-sul e o movimento de atração do eixo centro-sul, em especial São Paulo, com a incapacidade de absorção desses migrantes.

Apesar da, já citada, manutenção das rotas tradicionais, a Tabela 08 traz dados que se assemelham aos demonstrados por Justo (2006) a partir dos Censos Demográficos 1980 a 2000. Segundo o autor, apesar do Nordeste se manter como região com maior envio de migrantes, é possível ver uma diminuição no fluxo migratório, quando comparado com anos anteriores, para a região sudeste, em especial para São Paulo. Essa análise corrobora a análise das mudanças ocorridas nas rotas migratórias feita por Lima, Simões e Hermeto (2016), que incluem trabalhos dados do Censo 2010.

### **3.3 Indicadores socioeconômicos das regiões de origem e destino dos migrantes**

O Brasil apresenta disparidades econômicas desde sua formação, onde ciclos econômicos ditavam a dinâmica interna e determinavam quais regiões seriam responsáveis pelo dinamismo da economia nacional (SILVA, 2021). O Nordeste e o Norte tiveram seus ciclos econômicos, da cana de açúcar e da borracha, no centro-sul houve a expansão da fronteira agrícola e o Sudeste, em destaque São Paulo, que foi se tornando um polo industrial e principal centro econômico do país. São exemplos de alguns dos “movimentos” dentro do país que mobilizaram (e mobilizam) os indivíduos, a fim de conseguir oportunidades. Nesta seção,

busca-se analisar o contexto regional em que estão inseridos os migrantes através de variáveis como renda, condições de mercado de trabalho (taxa de desemprego) e escolaridade (taxa de analfabetismo).

A questão da renda é na literatura uma das principais motivações dos indivíduos, ou grupo familiar, para a decisão de migrar. Para Stark e Bloom (1995), a sensação de privação relativa é um dos principais fatores que influenciam a decisão de um indivíduo realizar a migração, em busca de aumentar sua renda. As desigualdades regionais contribuem para a manutenção deste ciclo migratório e para a condição de reserva de mão de obra de alguns estados brasileiros. A Figura 01 mostra a dimensão desta desigualdade, onde é possível ver a atual distribuição de renda média dos estados brasileiros.

**Gráfico 01 - Renda média por Unidade Federativa (2010)**



Fonte: elaboração própria a partir da CENSO/IBGE.

A Figura 01 acima demonstra a disparidade de renda entre as regiões, onde as cores mais fortes demonstram um nível de renda mais elevado e as cores mais fracas um nível de renda mais baixo. É possível observar que as menores rendas médias estão localizadas no eixo Norte-Nordeste, com uma renda que varia R\$ 534,4 a R\$ 891,86 (Piauí e Roraima, respectivamente) a valores correntes, quando a média nacional é de R\$ 987,29. Segundo o IBGE, o Nordeste apresenta 47,9% da concentração de pobreza do país, em comparação com as demais regiões, seguido pelo Norte (26,1%), Sudeste (17,8%), Sul (5,7%) e Centro-Oeste (2,5%). O estudo aponta a questão da densidade populacional como um dos principais fatores

que contribuem para agravar a desigualdade de renda, diferentemente do que ocorre com a região Norte que possui uma densidade populacional menor. A exemplo disso, estudo realizado pelo Banco do Nordeste mostra que, em 2019, o Nordeste foi a única região a apresentar aumento na concentração de renda, enquanto todas as demais regiões apresentaram redução na desigualdade (WENDELL, 2019). Segundo Stark e Taylor (1991), o ato de migrar possui forte relação com o baixo nível de renda, porém, para que essa migração seja efetivada, é preciso que essas pessoas mais carentes tenham acesso a algum tipo de crédito, caso contrário, a migração não será efetivada, pois é um processo de altos custos e riscos, dessa forma, desestimulando os mais pobres. Essa proposição pode explicar a razão pela qual os estados que compõem o Nordeste apresentaram as maiores taxas de desigualdade e não estão entre os principais estados que repulsam migrantes. A Tabela 09 combina os dados da matriz migratória (Tabela 07) e os dados de renda para evidenciar os estados que mais atraíram migrantes e os estados que mais expulsaram migrantes segundo nível médio de renda.

**Tabela 09 – Renda média estadual *versus* atratividade/repulsão local**

UF que mais atraiu migrantes	RENDA	UF que menos atraiu migrantes	RENDA
São Paulo	R\$ 1210,67	Minas Gerais	R\$ 902,68
Rio de Janeiro	R\$ 1231,27	Bahia	R\$ 603,02
Goiás	R\$ 950,65	São Paulo	R\$ 1210,67

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 2015 e do CENSO 2010/IBGE.

(\*) Valores correntes

É possível notar que as rotas migratórias tradicionais continuam sendo as mais acessadas apesar dos estados que as compunham não necessariamente estarem em um dos extremos do nível de renda entre os estados. Esse fato dialoga com a preposição de Lee (1966), sobre o quanto o conhecimento prévio sobre origem e destino influenciam na dinâmica migratória. É possível presumir uma dinamicidade desses fluxos migratórios ao observar a situação do estado de São Paulo, sendo o estado que mais atrai e sendo o terceiro estado que mais repulsa migrantes, mostrando uma possível movimentação desses migrantes diante de uma possível não adaptação. Além disso, esse fluxo de repulsão por São Paulo vai ao encontro da tendência de perdas migratórias indicada por Lima, Simões e Hermeto (2016).



Importante ressaltar a existência de outros fatores que influenciam a atração e a repulsão de uma população. Segundo Lee (1966) os fatores ligados ao movimento de migração são: razões pessoais e obstáculos intervenientes. Segundo o autor, alguns desses fatores podem impactar as pessoas de forma parecida, enquanto outros, de forma distinta. Lima, Simões e Hermeto (2016) apontam possíveis fatores que levaram à perda de atratividade dos grandes centros urbanos, associados ao custo da moradia, saúde, educação, tempo de deslocamento e criminalidade.

O acesso à educação e a quantidade de anos de estudo são importantes dimensões da desigualdade no país. Justo e Silveira Neto (2009), em seu estudo sobre o perfil do migrante, para os anos de 1980, 1991 e 2000, apontam que os migrantes tinham um destino preferencial, de acordo com seu nível de escolaridade. Lima, Simões e Hermeto (2016) observam que, em 1980, indivíduos com baixo nível de escolaridade, possuíam cerca de 4% de probabilidade de migrar a mais em comparação à indivíduos com nível médio de escolaridade, e em 2010, há uma reversão desta tendência, onde indivíduos com nível médio de escolaridade, possuem uma probabilidade de migrar aproximadamente 20% mais elevada em comparação àqueles com baixo nível de escolaridade. O gráfico abaixo mostra a taxa de analfabetismo no estado brasileiro. Cores mais claras indicam taxas mais baixas de analfabetismo, cores mais fortes e taxas mais altas.

**Gráfico 02 - Taxa de analfabetismo por Unidade Federativa | 2010**



Fonte: elaboração própria a partir da CENSO/IBGE

Analisando o as Figuras 01 e 02, é possível argumentar que provavelmente existe uma relação entre o nível de renda e a taxa de analfabetismo, uma vez que, a região Nordeste é a que apresenta uma taxa de analfabetismo mais elevada dentre todas as regiões, similar ao que acontece ao fator Renda. Piauí, Alagoas e Maranhão são os três estados com maior taxa de analfabetismo (20,6, 20,4 e 18,8, respectivamente). Como ressaltado na questão da renda, a questão da densidade demográfica interfere (de forma negativa) na taxa de analfabetismo, devido à dificuldade de políticas que alcancem toda a população de forma efetiva. A PNAD Contínua de 2019 mostra que, em média, o brasileiro estuda cerca de 9,4 anos. As regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste têm médias de anos de estudo acima da nacional, com 10,1, 9,7 e 9,8 anos, respectivamente. As regiões Nordeste e Norte ficaram abaixo da média do país, com 8,1 anos e 8,9 anos, respectivamente. As altas taxas de analfabetismo (e, conseqüentemente, o nível de escolaridade) de uma localidade podem ser sintomas de um baixo dinamismo econômico. Dessa forma, altas taxas de analfabetismo podem estar associadas a baixa atratividade destes locais e menor capacidade de atração sobre indivíduos com maior disposição a migrar.

O nível de desemprego de uma localidade é um dos principais fatores que influenciam a decisão de migrar. Segundo Lee (1966), o volume de migração é uma consequência direta dos ciclos econômicos, o que impacta a oferta de trabalho. Em momentos de expansão econômica, novas empresas passam a demandar mão de obra e em momentos de retração econômica, empresas passam a diminuir a oferta de trabalho. Isso se confirma quando relacionado com a dinâmica brasileira, segundo a qual as regiões Norte e Nordeste apresentam taxas mais elevadas de desemprego e as demais regiões apresentam taxas mais baixas, como demonstrado na Figura 03 a seguir.

**Gráfico 03 - Taxa de desemprego por Unidade Federativa (2010)**

Fonte: elaboração própria a partir da CENSO/IBGE

As regiões Norte e Nordeste apresentam taxas de desemprego elevadas, sendo Amapá (10,73%), Bahia (10,35%) e Pernambuco (10,02%) os estados com taxas mais expressivas. São Paulo, que é o estado que mais atraiu migrantes, possui taxa de desemprego de 6,57%, mais elevada que a média nacional, que em 2010 era de 6,42%. Isso pode inclusive estar relacionado ao fato de São Paulo também ser um dos estados que mais repulsam migrantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país onde a tradição de migrar é secular. Os diversos ciclos econômicos que marcaram a história brasileira fizeram com que sua população mais vulnerável percorresse as mais distintas rotas em busca de oportunidades (SILVA, 2021). No processo de formação econômica do país, a priorização por regiões específicas e a adequação dessas regiões numa lógica internacional além de demandar maior qualificação dos migrantes, fez com que crescesse a desigualdade regional já existente, sendo a região Centro-Sul a mais beneficiada nesse processo, em detrimento da região Norte-Nordeste. Dentre as pessoas que compunham esses fluxos migratórios, há diversos perfis e motivações, apesar do motivo econômico ser o maior fator impulsionador.

As consequências socioeconômicas dessa desigualdade podem ser observadas através dos fluxos migratórios, que mostram que as regiões norte e nordeste possuem um saldo migratório negativo enquanto as regiões centro-sul possuem um saldo migratório positivo. Apesar de apresentar um saldo migratório positivo, São Paulo apresenta uma taxa elevada de emigração. Outro ponto, é a manutenção das rotas migratórias tradicionais, o surgimento de rotas secundárias e o surgimento de um movimento de retorno migratório apontado por Lima, Simões e Hermeto (2016). Além disso, os estados que compõem essas rotas tradicionais (Minas Gerais, São Paulo Rio de Janeiro e Bahia) não apresentarem as mais altas ou mais baixas condições socioeconômicas em comparação com os demais estados, o que sugere um componente adicional, o de conhecimento prévio do local de destino, influenciando a decisão de migrar, tese defendida por Lee (1966).

Os três indicadores estaduais analisados nesta monografia (renda, taxa de ocupação e escolaridade) mostram a persistência de desigualdades regionais, pois os melhores índices são apresentados pelas regiões Centro-Sul e os piores no Norte e Nordeste. Como citado, há também consideráveis mudanças na questão migratória como a diminuição do volume migratório, o surgimento de rotas secundárias, tendo as cidades médias ganhado destaque neste processo e o surgimento de um movimento de retorno migratório. Dessa forma, o fluxo migratório se estabelece, principalmente, com as regiões Norte Nordeste apresentando um saldo migratório negativo e as regiões centro-sul, saldo migratório positivo.

Em relação ao perfil que compõem o fluxo migratório é possível observar que este é composto majoritariamente por homens e quando analisado por cor, o maior percentual é composto por pessoas pretas e pardas. Quanto à renda destes migrantes, homens brancos

possuem o nível de renda mais elevado entre as categorias sexo e cor, enquanto mulheres pretas e pardas possuem o menor nível de renda entre as categorias sexo e cor (menos que a metade que homens brancos). Diferentemente da renda, migrantes mulheres brancas possuem a maior quantidade de anos estudados enquanto homens negros e pardos possuem a menor quantidade de anos estudados. Quanto à taxa de ocupação, migrantes possuem uma taxa de ocupação superior aos não migrantes, porém quando analisado a taxa de ocupação entre os migrantes, mulheres possuem uma taxa de ocupação inferior aos homens.

Uma análise conjunta dos indicadores individuais e socioeconômicos sugere uma seleção negativa de pessoas pretas e pardas e considerando a questão da renda e a busca por oportunidades, os dois principais fatores que levam, esses indivíduos a migrar, pessoas pretas e pardas são negativamente selecionadas; quando se observa o critério sexo, migrantes mulheres pretas e pardas possuem seleção negativa, uma vez que possuem menor renda entre os demais grupos (migrantes homens brancos, migrantes mulheres brancas e migrantes homens negros e pardos), assim como a menor taxa de ocupação entre os demais grupos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAENINGER, R. Migrações internas no Brasil no século 21: entre o local e o global. In **Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Águas de Lindóia. Anais... São Paulo: Projeto Observatório das Migrações, 2012.

BRITO, F. Brasil, final de século: a transição de um novo padrão migratório? In ADELITA, C. (Organizadora), **Transições Migratórias**, IPLANCE, 2016.

CARNEIRO, W. **Concentração de Renda Aumentou no Nordeste em 2019**. Banco do Nordeste, 2019. Disponível em: [https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/522/1/2020\\_DEE\\_71.pdf](https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/522/1/2020_DEE_71.pdf). Acesso em 09 de dezembro de 2021

CESTA básica diminui em 13 cidades, Dieese, 2015. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2015/201509cestabasica.pdf>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2021

DICK, L. J., RIBEIRO, L. K. A influência do nível de escolaridade na distribuição de renda no Brasil. Congressods, 2016. Disponível em: [http://congressods.com.br/quinto/anais/gt\\_11/A%20INFLUENCIA%20DO%20NIVEL%20DE%20ESCOLARIDADE%20NA%20DISTRIBUICAO.pdf](http://congressods.com.br/quinto/anais/gt_11/A%20INFLUENCIA%20DO%20NIVEL%20DE%20ESCOLARIDADE%20NA%20DISTRIBUICAO.pdf). Acesso em 08 de dezembro de 2021.

FUSCO, W., OJIMA, R. **Migrações Nordestinas no século 21: um panorama recente**. São Paulo: Edgar Blucher Ltda., 2014.

JUSTO, W. R., SILVEIRA NETO, R. M. Migração inter-regional no Brasil: Evidências a partir de um modelo espacial. **Economia**, v.7, n. 1, p. 38-69, 2006.

JUSTO, W. R., SILVEIRA NETO, R. M. Quem são e para onde vão os migrantes no Brasil? O Perfil do Migrante Interno Brasileiro. **Economia social**, v.1, p. 2-20, 2009.

LEE, E. Theory of Migration. **Demography**, vol. 3, no. 1, pp. 47–57, 1966. Disponível em: [www.jstor.org/stable/2060063](http://www.jstor.org/stable/2060063). Acesso em: 19 out. 2020.

MARTINE, G. **A Natureza e os Impactos das políticas públicas sobre a distribuição espacial da população no Brasil**. São Paulo em Perspectiva. Vol. 3, p. 46-56. 1989

OLIVEIRA, L. L. **O governo de Juscelino Kubitschek**. FGV CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>. Acessado em 08 de dezembro de 2021.

ORENCIO, F. L., ZANELATTO, J. H. Trajetória de migrações no Brasil. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, vol. 39, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 77-90

SILVA, Júlio César Lázaro da. "Principais Migrações Inter-regionais no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/principais-migracoes-inter-regionais-no-brasil.htm>. Acesso em 15 de dezembro de 2021

STARK, O., BLOOM, E. The New Economics of Labor Migration. **American Economic Review**, vol. 75, pg. 173-178, 1985.

STARK, O., TAYLOR, E, J. Migration Incentives, Migration Types. **The Economic Journal**, vol. 101, n. 408, pp. 1163-1178, 1991. Disponível em: [www.jstor.org/stable/2060063](http://www.jstor.org/stable/2060063). Acesso em: 01 nov. 2010.